

## AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NAS CÉDULAS DO REAL BRASILEIRO: UM OLHAR DA GRAMÁTICA VISUAL

Cláudia Regina Ponciano Fernandes  
[claudiaponcianoifpb@hotmail.com](mailto:claudiaponcianoifpb@hotmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/5793498530681284>

### RESUMO

O presente trabalho se propõe a trazer uma leitura das representações imagéticas nas cédulas do real brasileiro através de um olhar da gramática visual (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006). A opção por cédulas do real justifica-se pelo fato de serem constituintes da identidade histórica, cultural e política do país emissor e por ser o sistema monetário brasileiro atual em circulação. Os pressupostos teóricos estão ancorados na teoria da gramática visual, (ferramenta analítica deste trabalho) e em breves conceitos de letramento visual e imagem simbólica. Os objetivos gerais deste trabalho foram voltados para buscar as regularidades nas imagens das cédulas do real, comparar se tais regularidades ocorriam em cédulas antigas e selecionar uma cédula do real para analisar as representações de mundo, as relações sociointeracionais e as relações de significados contidas nela. Especificamente, espera-se despertar no leitor um olhar atento para imagens enquanto textos potencialmente imbuídos de significados e informações sobre o contexto social, cultural, econômico do público alvo e do produtor das imagens. As representações imagéticas mais salientes nas cédulas do real brasileiro estão voltadas para a imagem feminina em forma de símbolo, o que ocorre também em algumas cédulas brasileiras antigas. As representações imagéticas contidas nas cédulas deixam a desejar quanto à representação da mulher brasileira republicana em pleno século XXI.

**Palavras-chave:** gramática visual; cédulas do real; representações imagéticas.

### 1. Introdução

Apoiando-se na linguagem visual que está presente em diferentes práticas sociais, seja como apoio a um texto verbal ou como meio principal de expressões de significados, o presente trabalho se propõe a trazer uma leitura das representações imagéticas nas cédulas do real brasileiro através de um olhar da Gramática Visual (GV) na qual postula que as imagens podem ser consideradas como um texto elaborado, repleto de significados, com estruturas visuais que indicam interpretações particulares de experiência e formas de interação social (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006).

A opção por cédulas do real justifica-se pelo fato de serem constituintes da identidade histórica, cultural e política do país emissor e por ser o sistema monetário brasileiro atual em circulação.

As motivações para realização deste trabalho partiram de três pontos: o contexto familiar da autora envolvendo pais comerciantes, os textos lidos na disciplina em questão e por serem as cédulas utilizadas na prática social de compra e venda entre os brasileiros. Os objetivos gerais foram encontrar regularidades nas imagens das cédulas do real; comparar se tais regularidades ocorriam em cédulas antigas; selecionar uma cédula do real para analisar as representações de mundo, as relações sociointeracionais e as relações de significados contidas nela. Especificamente, espera-se despertar no leitor um olhar atento para imagens enquanto textos potencialmente imbuídos de significados e informações sobre o contexto social, cultural, econômico do público alvo e do produtor das imagens.

## 2. Referencial teórico

Os pressupostos teóricos estão ancorados na teoria da gramática visual, (ferramenta analítica deste trabalho) e em breves conceitos de letramento visual e imagem simbólica.

O trabalho desenvolvido por Kress e van Leeuwen (1996, 2006) para a análise de imagens se baseia na *Gramática Sistêmico-Funcional* ou *GSF*, proposta por M.A.K. Halliday (1985, 1994, 2004) e mostra que da mesma forma que os significados na linguagem verbal são constituídos de escolhas entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, a linguagem visual pode expressar significados através de eventos, participantes envolvidos, circunstâncias presentes na metafunção representacional (ideacional/ Halliday), através da interação entre o observador da imagem e o participante na metafunção interativa ( interpessoal / Halliday) e através da distribuição e organização dos elementos da imagem na metafunção composicional ( textual/ Halliday).

A metafunção representacional mostra a relação entre os participantes. Sua realização ocorre através de processos narrativos e processos conceituais, subdivididos

em processos, participantes, circunstâncias ou encaixamentos. Os participantes são representados por pessoas, objetos ou lugares através de processos narrativos ou conceituais. Quando os participantes estabelecem relações entre si e se envolvem em ações e eventos os processos são chamados de narrativos: ação, reação, verbal, mental com participantes chamados de Ator/Meta, Reator/Fenômeno, Dizente/Enunciado, Experienciador/Fenômeno. Quando os participantes não executam ações, mas são definidos, analisados ou classificados os processos são chamados de conceituais: classificacionais, simbólicos ou analíticos com participantes identificados como aqueles que são subordinados/superordinados, significando/sendo portadores, portadores/atributos possessivos. Já as circunstâncias ou encaixamentos são o contexto, locação, meios, acompanhamentos ( KRESS E VAN LEEUWEN: 2006, pág. 42). A metafunção interativa indica a relação entre o leitor/observador e o produtor da imagem que se dá através do participante representado. Sua realização ocorre através do contato, distância social, perspectiva e modalidade, em outras palavras, o olhar, distância ou ponto de vista. O contato divide-se em demanda e oferta. A distância social em plano fechado, aberto ou médio. A perspectiva em ângulo frontal, oblíquo e vertical. A modalidade em naturalista, sensorial e científica ( KRESS E VAN LEEUWEN: 2006, pág. 42-43). Já a metafunção composicional trata da distribuição e organização de elementos na imagem que forma um todo e se relacionam entre si. Sua realização ocorre através do valor da informação (posição dos elementos na imagem), saliência (ênfase maior ou menor dada a certos elementos em detrimento de outros) e estruturação (enquadramento, linhas divisórias que se conectam ou se desconectam). (KRESS E VAN LEEUWEN: 2006, pág. 43-44).

O letramento visual do leitor é compreendido como parte integrante de sua compreensão leitora das imagens enquanto estruturas visuais correlacionadas para comunicar significados ideológicos, políticos e socialmente embasados (ALMEIDA: 2009). O leitor deve estar apto a elaborar sentido e significados diante os mais diversos tipos de textos apresentados nas mais distintas modalidades da linguagem [escrita, oral e, sobretudo, não verbal / imagética] (DIONÍSIO, 2011).

As imagens como representações visuais são artificialmente criadas e produzidas pelos seres humanos. As imagens simbólicas apresentam significados adicionais por trás das imagens (SANTAELLA: 2012). Assim sendo, as imagens identificadas como simbólicas representam significados implícitos.

### 3. A análise das cédulas do real à luz da GV



Figura 1: Cédulas da 1ª família do real lançadas em 1994 - Anverso e Reverso

As cédulas do real brasileiro se dividem em duas famílias: a primeira lançada em 1994, (fig.1) e a segunda família lançada a partir de 2010(fig.2).

Após o agrupamento do anverso e reverso das imagens de cédulas do real brasileiro, tanto da primeira quanto da segunda família, algumas regularidades imagéticas são encontradas: a) no anverso, a repetição do mesmo rosto feminino em forma de escultura em cada cédula; b) no reverso, a imagem de um animal diferente por cédula; c) cores diferenciadas predominantes e identificadoras dos valores monetários por cédulas. Além dessas três regularidades, outras são observadas, mas não em posição de destaque na imagem, motivo pelo qual não serão descritas nem analisadas.



Figura 2: Cédulas da 2ª família do real lançadas em 2010 - Anverso e Reverso

Entre as três regularidades salientes nas cédulas do real, a imagem feminina chama à atenção porque se repete em todas as cédulas do real, na primeira e na segunda família, o que não acontece com as imagens dos animais e as cores, pois variam em cada cédula. Buscando a regularidade da imagem feminina em cédulas brasileiras antigas, disponíveis no site do Banco Central, as seguintes representações femininas aparecem: a Princesa Izabel em uma das cédulas do Cruzeiro Novo (1967) e do Cruzeiro (1970). Cecília Meireles em uma das cédulas do Cruzeiro Novo (1989) e do Cruzeiro (1990). Uma Baiana em uma das cédulas do Cruzeiro Real (1993). A Efégie da República aparece em uma das cédulas do Cruzeiro (1970), do Cruzeiro Novo (1989) e do Cruzeiro (1990), neste último, em duas cédulas. Diante deste fato, surgiram duas inquietações:

1) Quais representações conceituais simbólicas da Efégie da República (efégie feminina), repetidas em todas as cédulas do real podem ser inferidas? 2) Quais significados ideológicos implícitos, advindos do contexto sócio, econômico e cultural da época da criação do plano real, são revelados nas representações imagéticas das cédulas?

Buscando respondê-las, trabalhos anteriores sobre as cédulas do real foram consultados na internet. Dois merecem destaque: 1) O Real Significado: análise semiótica das cédulas do Plano Real - de Renata Rinaldi e Vanda Cunha Albieri Nery (2009), cuja fundamentação teórica baseia-se na semiótica de Charles Peirce. Sobre a Efégie da República elas dizem que “A ilustração é de um busto, seus olhos não possuem pupila. A figura possui uma tala de louros na cabeça, dirige o olhar para o lado com uma face séria,



possui uma túnica nos cabelos”(p.9). Dizem que se trata da efígie da república inspirada na obra *A Liberdade Guiando o Povo* de Eugene Delacroix(1830) e que representa a república, adotada antes como símbolo da república portuguesa. 2) - O discurso do Real: metáfora da brasilidade – de Saulo Adriano dos Santos (2006), fundamentado também no conceito de semiótica de Charles Sanders Peirce. O trabalho mostra que o Brasil cabe metaforicamente quase inteiro em seu papel moeda. Quanto à Efígie da república: “(...) vamos encontrar na figura da esfinge uma representação do conceito de república”. (...) ” Uma imagem gráfica de estátua esculpida em pedra. Essa representação remete ao leitor a sensação de solidez e durabilidade da pedra, transmitindo conceito semelhante à organização dos Estados e à estabilidade da moeda nacional”(p. 4). Acrescenta que a coroa de ramos de louro na cabeça se origina da cultura grega como retribuição a feitos heroicos. A Efígie da República é colocada como símbolo nos dois trabalhos citados, merecendo um destaque à parte.

Os autores dos trabalhos citados concordam que a efígie é uma representação da república, sendo que o primeiro diz que ela foi inspirada na obra *A Liberdade Guiando o Povo* de Eugene Delacroix(1830) e o segundo diz que foi inspirada na cultura grega como retribuição a feitos heroicos, representando a solidez e durabilidade da pedra, transmitindo conceito de estabilidade da moeda nacional. Em consultas à internet no Google, na wikipédia e em alguns blogs a imagem da Efígie da República é vista como resultado da inspiração na pintura de Delacroix.

Segundo resposta de e-mail enviado para a Casa da Moeda do Brasil, a Efígie da República originou-se de uma oposição à figura do monarca, homem representante do símbolo do Estado e caracteriza a liberdade, a pátria que dominou a simbologia francesa do pós-revolução, 1792. Na época da proclamação da república, não havia representações de mulheres que pudessem vender o novo regime por meio da imagem feminina. Em resposta a outro e-mail enviado para o Banco Central do Brasil encontra-se a Efígie da República como uma figura alegórica que se tornou símbolo da República na França. Originalmente designada Marianne, representava o povo. É uma alegoria da liberdade, pois a mulher que usava um barrete frígio surgiu na Revolução Francesa e a efígie foi inspirada na obra do pintor Delacroix (de 1830) *A Liberdade guiando o povo*”.

Como nenhum dos trabalhos consultados traz uma análise das cédulas na ótica da GV e a Efigie da República é indiscutivelmente um símbolo, a contribuição deste texto recai em analisar as representações de mundo, as relações sociointeracionais e relações de significados contidas na cédula de um real.

A decisão em se analisar apenas uma cédula ocorreu devido à superficialidade e páginas limitadas para produção textual do trabalho. Já a escolha pela cédula de um real justifica-se por não estar mais sendo fabricada e ter se tornado peça de colecionadores.

Sabendo-se que a linguagem visual pode expressar significados através de três metafunções classificadas por Kress e van Leeuwen (2006) como representacional, interativa e composicional, deve-se considerar também que apesar de as três metafunções ocorrerem simultaneamente, uma ou duas delas se sobressaem, como acontece com as imagens do anverso de todas as cédulas do real que traz o participante em uma representação conceitual, sem executar ações e posicionada em plano fechado, da cabeça ao ombro, o que nos leva a voltar à atenção para as metafunções representacional e interativa.

### 3.1- Analisando as representações conceituais na cédula de 1 real: participantes, processos, encaixamentos



No anverso, o **participante** é representado através de um rosto feminino estático, em forma de escultura e descontextualizado. Trata-se da Efigie da República, uma figura feminina que representa simbolicamente o conceito de República, sistema atual do governo brasileiro. O **processo** é simbólico atributivo porque o portador é o próprio símbolo, a Efigie da República, comum em todas as cédulas do real. Os atributos simbólicos podem ser identificados através da posição de destaque: frontal e centralizada na imagem; através da solidez e consistência do material pelo qual a escultura é feita: pedra, bronze, mármore; através da ornamentação na cabeça: coroa, aspecto de soberana. Os encaixamentos não são evidentes e por este motivo decidimos não abordarmos neste texto.

Talvez, a primeira inquietação, sobre as representações conceituais simbólicas da Efégie da República, possa ser respondida inferindo dois aspectos: a) a repetição da Efégie da República como símbolo comum em todas as cédulas do real parece funcionar com uma estratégia ou recurso de reiteração no sentido de informar ao leitor que uma figura feminina, coroada, forte como uma pedra, vem ocupando um espaço gradativo na sociedade econômica brasileira. Essa figura feminina é destacada de forma central, na parte da frente de todas as cédulas. b) Considerando que nas representações simbólicas, deve haver um conhecimento prévio intrínseco por parte do leitor sobre o símbolo representado e que o público alvo das cédulas brasileiras é o povo brasileiro, a escolha pela Efégie da República não foi uma representação muito significativa, tanto que o texto verbal REPÚBLICA foi impresso na 2ª família de cédulas. Observando apenas a mulher representada em forma de escultura na cédula, sua representação pode nos remeter à sustentabilidade, fortaleza e firmeza da moeda brasileira, mas também a algo distante e descontextualizado porque não é relacionada a nenhuma mulher brasileira conhecida, como ocorreu com as cédulas que apresentavam Princesa Isabel, Cecília Meireles ou a Baiana em forma de foto.

### 3.2 - Analisando a metafunção interativa na cédula de 1 real



Na metafunção interativa há uma aproximação ou afastamento do produtor com o leitor através de quatro aspectos: contato, distância social, perspectiva e modalidade. O **contato** da Efégie com o leitor é de oferta porque ela não olha diretamente para o observador, mas parece olhar para o número que representa o valor da cédula. A Efégie se coloca como objeto de contemplação, parecendo uma soberana, uma mulher coroada. A **perspectiva** é ângulo oblíquo porque ela é colocada de perfil, estabelecendo uma sensação de alheamento, como se ela não pertencesse ao nosso mundo. O fato de ser uma escultura( e não uma pessoa) aumenta esta sensação. Quanto à **modalidade**, pode ser considerada baixa devido à saturação da cor verde, plano de fundo não detalhado,



com linhas paralelas formando um cenário e participante artificiais, alheio ao contexto natural do povo brasileiro.

Quanto à segunda inquietação, com relação aos significados ideológicos implícitos, advindos do contexto sócio, econômico e cultural da época da criação do plano real, há duas hipóteses prováveis. A primeira é que considerando o fato de a Efégie da República ter sido inspirada na Marianne da revolução francesa (obra *A Liberdade Guiando o Povo*) por falta de uma mulher brasileira para representar a Proclamação da República do Brasil em 1889, nos sugere que na época da criação do plano real (1994) não havia nenhuma mulher com tais atributos. A segunda é que sendo as cédulas constituintes da identidade histórica, cultural e política do país emissor, espera-se que na transição de um regime de governo para outro, como no caso do Brasil Império para Brasil República mudanças ocorressem nas representações simbólicas das cédulas como forma de minimizar as lembranças do regime anterior. Porém, parece que para o produtor/criador das imagens das cédulas da República até os dias atuais, interessa muito mais nos passar a imagem de uma mulher não pertencente ao nosso contexto social. Mesmo as representações da Princesa Isabel, Cecília Meireles e a Baiana antecedem o período do plano real e foram representadas em poucas cédulas.

#### **4. Considerações finais**

As representações imagéticas mais salientes nas cédulas do real brasileiro estão voltadas para a imagem feminina em forma de símbolo, o que ocorria também em algumas cédulas brasileiras antigas. Percebe-se que para um símbolo ser compreendido, o contexto cultural e situacional do produtor e do público alvo deve ser comum aos dois. Assim, o leitor deve atentar para estruturas visuais como repletas de significados ideológicos, políticos e sociais. As representações imagéticas contidas nas cédulas deixam a desejar quanto à representação da mulher brasileira republicana em pleno século XXI. Como o viés deste trabalho caminhou para uma questão de gênero x representação simbólica da Efégie da República, acredita-se na importância de se investigar mais profundamente dois aspectos: a) as representações imagéticas com foco na mulher nas cédulas brasileiras ao longo do regime republicano desde 1889; b) Os significados ideológicos arraigados no conceito República durante o lançamento do plano

real, considerando assim, o contexto político e econômico do país na época de produção das cédulas. Outras questões pertinentes a serem exploradas em pesquisa posterior são: Quais as mulheres brasileiras poderiam representar a República nas cédulas do real? Quais os significados e implicações nas mudanças do sistema monetário brasileiro e a representação da mulher? Qual é a relação entre as imagens das cédulas do real e o texto verbal das mesmas? Como utilizar as imagens das cédulas do real para discutir temas que envolvam as disciplinas de história e biologia? 5) Quais contribuições os resultados de uma pesquisa mais ampla sobre as representações imagéticas da cédulas do real brasileiro podem trazer para a sociedade brasileira?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. B. L. **Do Texto às Imagens: As Novas Fronteiras do Letramento Visual.** In: Pereira, Regina Celi. Rocca, Pilar (Orgs). (Org.). LINGUÍSTICA APLICADA: um caminho com diferentes acessos. 1ed. São Paulo: Contexto, p. 173-202, 2009.

CARVALHO, Igor. G. **Iconografia e Iconologia das Cédulas:** fim do Império e formação da República através do papel. In: ANPUH, 2004, Juiz de Fora. Anais Eletrônicos XIV Encontro regional de História, 2004.

DIONISIO, A. P. . **Gêneros Textuais e Multimodalidade.** In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design.** London: Routledge, 2006.

NERY, Vanda Cunha Albieri; RINALDI, Renata. **O real significado: análise semiótica das cédulas do plano real.** Revista Idea. V. 1, n. 1, jul./dez, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.  
\_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Saulo Adriano dos. **O discurso do Real: metáfora da brasilidade.** Estudos Linguísticos (São Paulo), v. 1, p. 1802-1807, 2006.

Sites consultados para visualização e cópia das imagens:

<http://www.bcb.gov.br/?CEDMOEBR>

<http://www.casamooeda.gov.br/portalCMB/home>

<http://www.significados.com.br/republica/>

<http://www.brasilmoedas.com.br/infografico-cedulas-brasileiras>

<http://diariodebiologia.com/2011/03/conheca-os-bichos-das-nossas-notas/#.VEp2SvnF9K0>

## SOBRE A AUTORA:

Professora de língua inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba. Possui mestrado em linguística, especialização em língua inglesa e graduação em letras pela Universidade Federal da Paraíba. Possui experiência profissional em institutos de idiomas, em escolas privadas e em escolas públicas da Paraíba. Atualmente é professora formadora de inglês instrumental EAD, no Curso Superior de Licenciatura em Computação e aluna especial de doutorado pelo Proling - Universidade Federal da Paraíba.